

ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL*

Tânia Regina Peixoto da Silva Gonçalves **
Jader Janer Moreira Lopes ***

Resumo

O presente trabalho busca compreender e analisar a importância de uma alfabetização geográfica nos primeiros anos do Ensino Fundamental, na percepção dos diversos autores desse campo do conhecimento. Numa perspectiva contemporânea de educação, discutem-se os paradigmas com relação à alfabetização e suas aproximações com a Geografia escolar. Como pontos norteadores de reflexões geográficas articulam-se conceitos como espaço, território, lugar e paisagem.

Palavras-chave: Geografia. Ensino. Alfabetização

INTRODUÇÃO

A criança não está no espaço, não está no território, não está no lugar, nem na paisagem; ela é o espaço, ela é o território, ela é o lugar, é a paisagem e, por serem produtoras de culturas e geografias, enriquecem nossa condição humana. (Lopes, 2007, p.55).

As últimas décadas do século XX e as primeiras do século XXI foram marcadas por profundas transformações mundiais tanto geopolíticas, socioeconômicas e culturais, quanto tecnológicas. Ocorreram vários movimentos sociais nos anos 80 que tiveram como desfecho a queda do muro de Berlim. Nos anos 90, vivenciamos segundo alguns autores, um momento de dúvidas e incertezas que nos acompanham até os dias atuais, porque ainda não se sabe claramente os efeitos da globalização da economia, comunicação e da cultura no cotidiano dos indivíduos.

Santos (2002) nos esclarece que

De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades se instalam e velhas doenças,

* Artigo originado da monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFJF para obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Linguagem.

** Graduada em Geografia pelo CES/JF. Especialista em Alfabetização e Linguagem pela UFJF. taniageo@globocom

*** Graduado em Geografia. Dr. em Educação. Professor da UFF (Universidade Federal Fluminense). jjaner@uol.com.br

supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção. (p. 19).

O que se pode afirmar é que todo esse processo gerou principalmente nos países subdesenvolvidos como o Brasil, um “cenário perverso” (idem), com uma enorme exclusão e desigualdade social.

O processo de globalização da economia, cultura, comunicação e tecnologia trouxe conseqüências que atingiram a vida e o pensamento dos indivíduos. Foram diversas e múltiplas as mudanças ocorridas com relação à vida em sociedade. Vivemos na contemporaneidade, em um mundo onde ao mesmo tempo em que as coisas estão ao alcance de nossas mãos, elas estão longe.

Através da internet pode-se estar em várias localidades sem sair de onde se está. As mídias abrem os olhos das crianças e adolescentes para o que antes só o adulto podia ver. Estamos vivenciando profundas transformações na percepção do espaço e do tempo vividas pelos educandos, que transitam por um processo de desterritorialização da experiência e da identidade atrelado a um fluxo constante de imagens e informações. Para Hall (2003) “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas”. (p.12).

A educação, e particularmente a escola brasileira, está se dando conta dessas alterações? O conhecimento sistematizado nas salas de aula está inserido nessa sociedade informacional, onde instantaneamente perpassamos entre o local e o global? O que está posto é a emergência de uma outra forma cultural: outros olhares para se ver, conhecer e apreender o mundo.

O geógrafo Edward Soja (1993) assinala que as mudanças no padrão produtivo mantiveram as desigualdades geográficas e a manutenção de lucros imensos por

parte das transnacionais, como vem ocorrendo desde o segundo pós-guerra. Para Soja, isso reafirma a Geografia por meio da emergência da espacialidade, da regionalização e do regionalismo, levando o capital a rever suas estratégias espaciais e locacionais, que podem ser facilmente apreendidas.

Para o mesmo autor

A instrumentalidade das estratégias espaciais e locacionais da acumulação do capital e do controle social está sendo revelada com mais clareza do que em qualquer época dos últimos cem anos. Simultaneamente, há também um crescente reconhecimento de que o operariado, bem como todos os outros segmentos da sociedade que foram periferalizados e dominados, de um modo ou de outro, pelo desenvolvimento e reestruturação capitalistas, precisam procurar criar contra-estratégias espacialmente conscientes em todas as escalas geográficas, numa multiplicidade de locais, a fim de competir pelo controle da reestruturação do espaço. (p. 210).

AFINAL, O QUE SERIA UMA ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA?

No contexto histórico e social que vivemos na contemporaneidade, a educação brasileira passa também por profundas mudanças, seja através de políticas públicas como a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos ou, por exigência de educadores e da sociedade brasileira de uma forma geral, que uma educação de qualidade se efetive em nossas escolas, seja ela pública ou particular. É um momento de expectativas, possibilidades e quebra de paradigmas, essencialmente no que diz respeito à organização do trabalho pedagógico envolvendo, dentre outras áreas de conhecimento, o ensino de Geografia em todos os seus níveis, especialmente, nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Compartilhamos com Callai (2005) a afirmatividade que “a leitura de mundo é fundamental para que todos nós que vivemos em sociedade possamos exercitar

nossa cidadania” (p. 228). Entretanto, de que cidadania estamos falando? As últimas décadas possibilitaram outro olhar ao processo de alfabetização dos brasileiros. Saber somente escrever o próprio nome não mais significa exercer o direito de ser cidadão atuante e participativo na sociedade.

Na atualidade, o educando é visto como sujeito de saberes, com potencialidades e possibilidades, que possui Histórias e Geografias, portanto, sua alfabetização deve se realizar tendo como ponto de partida que as modalidades oral e escrita caminhem juntas, num “continuum”. O educador precisa se conscientizar de que, mesmo antes de entrar para a escola, o aluno já participa de práticas sociais de letramento. Este vivencia a oralidade e a escrita na sua vida cotidiana através dos eventos comunicativos nas diversas esferas da vida social por onde transita como a família, escola, creche, grupos de amigos, cinema, igreja, praças, parques, clubes, com o apoio dos diferentes suportes textuais como os rótulos, desenhos de TV, jogos e brincadeiras, livros de literatura, revista em quadrinhos, jornais, caixas de brinquedos, internet, DVDs, dentre outros. No seu cotidiano, as crianças comunicam-se e interagem com essas práticas sociais de letramento, em diversas relações sociais, ou seja, já apresentam uma forma de ver e compreender o mundo.

Nesse contexto, a escola tem um papel central em propiciar essas práticas sociais, porque através da oralidade e da escrita o educando se expressa em situações de letramento, possibilitando, dessa forma, que uma cidadania mais ampla e consciente se concretize na vida dos educandos, para que possam atuar de forma crítica e responsável nos diferentes grupos sociais aos quais pertencem.

Todas essas transformações ocorridas na sociedade e na educação brasileira nos permitem refletir sobre o ensino de Geografia nas escolas brasileiras, de modo inclusivo nos primeiros anos de Ensino Fundamental.

A Geografia como disciplina escolar inicia-se no século XIX com “o objetivo de contribuir para a for-

mação dos cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico” (CAVALCANTI 2004, p. 18). Esse saber foi permeado pela transmissão de dados e informações estanques sobre os países, os continentes e o mundo.

Infelizmente, até os dias atuais, ainda encontramos propostas curriculares em escolas brasileiras cujos conteúdos geográficos são repassados aos educandos de forma desarticulada e fragmentada, tendo como prática fundamental a memorização, separando Geografia Humana da Geografia Física, tendo maior preocupação com conteúdos conceituais do que com os procedimentais. A aprendizagem fica, então, reduzida à apreensão dos fenômenos e conceitos; a noção de escala espaço-temporal muitas vezes não é nítida, não se explicando aos educandos como os temas de âmbito local estão presentes no global e vice-versa, e como o objeto de estudo da Geografia, o espaço geográfico, se materializa nos diferentes tempos da sociedade e da natureza (PCN, 1997, p. 107-108).

Cavalcanti (2004) esclarece que

É claro que o ensino de nenhuma matéria pode se pautar apenas pela memorização. Ensino é processo de conhecimento, é mudança de qualidade no pensamento e a memorização enquanto tal não é conhecimento, nem provoca mudança na qualidade do pensamento. (p. 133).

Na contemporaneidade, tanto no Brasil quanto em outros espaços, o ensino de Geografia nos primeiros anos do Ensino Fundamental deve se preocupar em possibilitar uma leitura de mundo, a partir da análise da realidade vivida e percebida pelo educando. Perez (2001) nos lembra que “do ponto de vista da Geografia, podemos dizer que ler o mundo é ler o espaço: construção social e histórica da ação humana” (p.105). Uma prática pedagógica que valorize essa forma de aprendizagem proporcionará a ampliação de habilidades e competências no educando para uma atuação no mundo social, contribuindo efetivamente para a diminuição da injustiça social.

Nessa perspectiva, torna-se essencial pensar em uma alfabetização geográfica, ou seja, pensar o educando envolvido com os conceitos e habilidades geográficas desde o início de sua escolarização. Estes terão, então, a possibilidade de construir uma aprendizagem significativa sendo capazes de observar, ler, escrever, comparar, ordenar, classificar e identificar os fenômenos geográficos para melhor interagirem no seu cotidiano. Ao iniciar o processo de alfabetização, a aquisição da leitura e da escrita em uma perspectiva de letramento, em que as práticas sociais são consideradas relevantes em todo processo, o educador dos anos iniciais precisa estar atento para a importância de se realizar, concomitantemente, um processo de alfabetização geográfica, para que o educando perceba que a Geografia não é segundo Callai (2003).

Uma coisa alheia, distante, desligada da realidade. Não pode ser um amontoado de assuntos, ou lugares (partes do espaço), onde os temas são soltos, sempre defasados ou de difícil (e muitas vezes inacessível) compreensão dos alunos. Não pode ser feita apenas de descrição dos lugares distantes ou de fragmentos do espaço. (p. 57-58).

Callai (2005) afirma que “a possibilidade de aprender a ler, aprendendo a ler o mundo; escrever, aprendendo a escrever o mundo” (p. 228) é considerar a Geografia dos anos iniciais como instrumento importante para compreensão do mundo e essencial para a construção de uma cidadania plena.

A mesma autora (*idem*) argumenta que “uma forma de fazer a leitura de mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz para si todas as marcas da vida dos homens”. Ultrapassa então, uma leitura apenas cartográfica. Ler o mundo não é apenas saber ler um mapa, apesar de essa leitura ser extremamente importante para a Geografia. É ir um pouco mais além, é ler a vida nas entrelinhas do cotidiano de cada um, relacionar Geografia Humana com Geografia Física de forma articulada e plena, completando-as; compreender que as paisagens são conseqüências da interação do homem com a socie-

dade; pensar que “território usado” é também “espaço banal”, termo que Milton Santos (2004) definiu como o espaço de todos, onde todos possam realizar-se enquanto cidadãos. É o espaço das diferenças e das igualdades, o espaço como facilitador de uma leitura e compreensão dos fatos que ocorrem no mundo, articulando-os de forma crítica, entendendo o porquê dos acontecimentos, relacionando o local com o global ou vice-versa. É pensar que o lugar torna-se espaço quando dotando-o de valor, de afetividade.

Nesse contexto, conceitos geográficos como espaço, território, paisagem e lugar são norteadores no processo de uma alfabetização geográfica, já que possibilitarão ao educando articular **procedimentos e atitudes** sobre o **espaço** e seu entorno. Portanto, deve-se alfabetizar também para ler e descrever o espaço geográfico.

O ensino de Geografia dos anos iniciais deve ter uma proposta pedagógica que busque novas alternativas de ensino aprendizagem. Dessa forma, permitirá ao educando perceber-se como um sujeito histórico e social, atuante no espaço que estuda, entendendo que os fenômenos são decorrentes da vida e do trabalho humano, num processo contínuo de adaptação às novas necessidades da sociedade. Cavalcanti (2004) explica que

O ensino de Geografia, assim não deve se pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes imposto à “memória” dos alunos, sem real interesse por partes destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições. (p. 20).

Outros autores enriquecem essa reflexão. Para Callai (2003)

A tarefa dos Estudos Sociais é propiciar o conhecimento e facilitar o entendimento da realidade em que o aluno vive; partindo do conhecimento que ele possui; adquirido na escola ou mesmo anterior a ela. O trabalho do professor é sintonizar o aluno no mundo, facilitando-lhe o acesso ao saber já produzido e

à compreensão do processo social cotidianamente vivido. (p.66).

Em trabalhos pioneiros no Brasil, desenvolvidos junto a educadores das redes estaduais, municipais e particulares no final da década de 70, Paganelli (1985) já argumentava a importância da Geografia nos anos iniciais, ao abordar o trabalho com as ciências sociais, e defendia a idéia dos conteúdos estarem organizados em três eixos: os grupos, os espaços e tempos, numa proposta que tinha como referência a experiência dos educandos. Em suas palavras:

Basicamente, o que se pretende com as atividades de Estudos Sociais, é a construção da noção de vida em sociedade. Essa construção é feita a partir das vivências e experiências concretas dos alunos, associando-se o vivido ao conceitual, e a vida cotidiana à vida escolar, de modo que eles compreendam a vida social como um todo e não como um conjunto de fatos isolados. De uma maneira geral, os Estudos Sociais estudam a sociedade e sua organização sócio-político-cultural, no espaço e no tempo, encontrando seus fundamentos na História, Geografia, Sociologia, Antropologia Cultural e Social, Economia e Política. (Paganelli, et all, p.3).

Trabalhos desenvolvidos em diversas partes do Brasil nas décadas de 80 e 90 – e que continuaram em anos posteriores -, buscando a reestruturação dos currículos das primeiras séries do Ensino Fundamental, trouxeram grandes contribuições a alfabetização em Geografia, como pode ser percebido no texto abaixo retirado da Proposta de ação para a área de Estudos Sociais (1986).

A presente proposta de trabalho nasce em 1980, quando da criação das séries iniciais do Colégio de Aplicação “João XXIII” [da Universidade Federal de Juiz de Fora]. Naquela ocasião [...] começamos a refletir sobre os pré-requisitos que entendíamos necessários ao Ensino de Geografia e História [...] (p. 5).

O mesmo documento aponta que

A Geografia, inserida nos currículos de 1º e 2º graus, deve ter como objetivo o desenvolvimento da capacidade de observar, interpretar, analisar e pensar cri-

ticamente a realidade, tendo em vista a sua transformação. Essa realidade é uma totalidade que envolve a natureza e a sociedade. (idem, p.13).

Um outro documento redigido para a Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora, no ano de 1993 mostra que

O objetivo do trabalho com Estudos Sociais é a construção de conceitos e a formação de habilidades vinculados ao conhecimento e a compreensão da realidade. Todas as pessoas fazem parte de determinados grupos sociais, vivem num determinado tempo, ocupam um certo local no espaço, e apropriando-se da natureza através do trabalho, produzem o que necessitam para viver. (p.9).

Apesar dos textos tocarem em “1º grau” e “Ensino Fundamental”, é importante destacar que a alfabetização geográfica não se inicia nesses anos, mas, sim, na Educação Infantil e deve fazer parte de toda a educação básica, como nos esclarece Lopes (2007) ao afirmar que a Geografia tem grande contribuição para o trabalho com as crianças nos primeiros anos de vida.

Assim, pensar nas aulas de Geografia para os primeiros anos do Ensino Fundamental é pensar uma proposta curricular significativa em que se realize uma Geografia que proporcione uma leitura de mundo.

Os conteúdos trabalhados pela Geografia para esta etapa de ensino estão enraizados em uma prática educacional tradicional, em que os conteúdos são abordados dentro de uma visão dos “Círculos Concêntricos, que se sucedem numa seqüência linear, do mais simples e próximo, ao mais distante” (idem, 230), ou seja, estuda-se a criança partindo do “eu”, e segue-se uma seqüência gradativa de temas geradores; família, escola, rua, bairro, cidade, município, estado, país. Todavia, o mundo é “dinâmico, não acolhe sujeitos em círculos que se ampliam sucessivamente do mais próximo para o mais distante” (idem).

O educador de Geografia precisa romper com essa prática e articular a Geografia escolar de forma di-

nâmica, proporcionando uma aprendizagem significativa para os educandos.

Castelar (2005) nos mostra que

Pensar que os fenômenos geográficos podem ser analisados articuladamente e em diversas escalas, o que significa analisá-los conceitualmente, em função de diversas práticas e das representações sociais. (p. 211).

Esse seria um dos objetivos da Geografia para os anos iniciais: motivar situações didáticas significativas. É fundamental que o educador planeje as intervenções que propiciem avanços, visto que os educandos são sujeitos de saberes com experiências cotidianas distintas. Realizar situações de aprendizagens diferenciadas torna-se relevante, porque saberes diferentes necessitam de intervenções diferentes.

O mundo está em constante transformação. A informação dos acontecimentos é em tempo real em decorrência dos meios de comunicação com que o educando está em constante contato como, por exemplo, a TV e a internet. Ir além da lógica dos Círculos Concêntricos é pensar que o educando possa pensar o espaço geográfico como um todo e não isoladamente ou fragmentado, já que seu movimento se realiza de forma dinâmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje se convive com a cultura letrada, cultura oral e a cultura audiovisual do cinema, internet, televisão e a dos videogames. Apesar de essas três culturas verem e apreenderem o mundo de modos diferenciados, elas estão interligadas e presentes no cotidiano dos educandos.

Em face dessas transformações, faz-se necessário refletir que a escola não pode mais se centrar na transmissão de conteúdos memorizáveis e reedificados, no rendimento escolar pautado na faixa etária ou em

pacotes prontos de informações acabadas e concluídas, visto que o mundo atual é dinâmico e repleto de expectativas.

É imprescindível que a escola ressignifique o seu papel, estabelecendo uma relação prazerosa entre o conhecimento e o saber, desenvolvendo o pensamento crítico e proporcionando ações no sentido de levar o educando a resolver situações problemas, num processo eficaz de construção do conhecimento. Dessa forma, a escola enfrentará os novos desafios que lhe são dispostos; além de mediadora da informação, será o centro facilitador do acesso da sociedade às novas tecnologias. A questão empregada é de se organizar a informação, contextualizando-a com um processo de ensino aprendizagem significativa.

Pensar sobre o ensino da Geografia no século XXI nas escolas brasileiras, é entender que o momento histórico em que vivemos passa por grandes modificações. Será que o estigma da Geografia tradicional está totalmente radicalizado em nossas escolas, onde o livro didático, a memorização e o discurso do professor seriam as principais ações pedagógicas? Será que o paradigma da Geografia crítica, da renovação curricular com relação ao conteúdo geográfico está presente no ensino de Geografia em nossas escolas? Um ensino que valorize os conteúdos procedimentais em detrimento dos conteúdos conceituais, que privilegie os saberes anteriormente adquiridos pelos educandos, com um componente curricular significativo em todos os níveis de ensino, nos quais o fazer pedagógico proporcione uma compreensão do conhecimento geográfico.

A Geografia escolar como área de conhecimento, tem como objetivo analisar e interpretar o espaço geográfico e as relações do homem com o meio em que vive. Por isso, uma educação geográfica decorre de noções espaciais onde serão apreendidos conceitos básicos de localização, organização e representação do espaço construído socialmente.

Pensar em uma educação geográfica nos primeiros anos do Ensino Fundamental é levar em consideração, a realidade e a história do educando. Os educadores devem ser mais que simples transmissores do conhecimento, devem ser mediadores do processo de ensino e aprendizagem, buscando desenvolver nos educandos suas capacidades, de forma a unir a temática trabalhada em sala de aula com o espaço vivido e com experiências trazidas por cada um.

Na perspectiva de uma alfabetização geográfica, trabalhar a linguagem cartográfica na escola, no início da escolarização, é uma tarefa importante que não pode ser considerada suficiente para que o educando realize uma leitura de mundo e compreenda os processos sociais, econômicos, políticos e culturais que abarcam a construção do espaço geográfico. Para tanto, noções como espaço, território, paisagem e lugar são conceitos essenciais para que o educando compreenda a organização do espaço geográfico e seu entorno.

Uma alfabetização geográfica deverá se pautar na construção dos conceitos e habilidades geográficas, numa perspectiva de se respeitar a individualidade cognitiva, as diferenças e o tempo de cada educando.

Associar uma alfabetização geográfica com o processo de alfabetização do educando é possibilitar a formação de um cidadão consciente, capaz de realizar uma leitura crítica dos acontecimentos e perceber o espaço geográfico na sua totalidade.

Abstract

This study seeks to understand and analyze the importance of geographic literacy in the early years of elementary school, in the perception of the various authors of this field of knowledge. In a contemporary perspective of education, discusses the paradigms with regard to, literacy and their approaches to the school Geography. As Guiding

points of geographical considerations articulate up concepts such as space, territory, place and landscape.

Key words: Geography. Teaching. Literacy

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Valéria Trevizani Burla de. (Org). *Proposta de Ação para a área de Estudos Sociais*. UFJF. Juiz de Fora: 1986. 130p.
- PAGANELLI, Tomoko Iyda; ANTUNES, Aracy do Rego; MENANDRO, Heloísa Fesch. *Estudos Sociais: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: ACCESS. 1985. 178p.
- BARBOSA, Juvêncio José. *Alfabetização e Leitura*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994. 159p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia 1º e 2º Ciclos*. Brasília: MEC/SEF, 1997. 166p.
- CALLAI, Helena Copetti. *Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental*. Cadernos Cedes, Campinas, São Paulo: vol. 25, n. 66, p. 227-247, Maio/Ago. 2005. 270 p.
- CALLAI, Helena Copetti. *O Ensino de Geografia: recortes espaciais para análise*. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2003. 195p.
- CASTELLAR, Sonia. (Org). *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*. In: CASTELLAR, Sonia. *A psicologia genética e a aprendizagem no ensino de Geografia*. São Paulo: Contexto, 2005. 167p.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. 6. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2004. 192p.
- GARCIA, Regina Leite; SERRALHEIRO José Paulo. *Afinal onde está a escola?* (Org.) Porto – Portugal: Profedições, 2005. 220p.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1997. 102p.
- LOPES, Jader Janer Moreira; MUNIZ, Ancila Maria Bezerra; BRAZ, Françoise Mello Loures Tenchini Sales. *Proposta Curricular de Estudos Sociais*. SME: Juiz de Fora: 1985. 214p.

LOPES, Jader Janer Moreira. *Geografia das crianças, geografia da infância*. REDIN, Euclides. Et al. *Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre: Mediação, 2007. 43-56p.

LOPES, Jader Janer Moreira; PAGANELLI, Tomoko Iyda. (Org.) 9º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: mundo contemporâneo, práxis educativa e Ensino de Geografia. UFF (Universidade Federal Fluminense) Niterói, Rio de Janeiro. Anais (CD-ROM). Juiz de Fora: FEME, 2007.

SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1993. p. 299.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004. 285p.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 9ª ed. São Paulo: Record, 2002. 174p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. 473p.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema de três gêneros*. Belo Horizonte: Autentica, 1998. 125p.